Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa – 31/07 a 03/08/2012 – Anais Eletrônicos – ISBN 978-85-7745-551-5

FIOS DE MEMÓRIA: LYLIA GUEDES E SUAS CONTRIBUIÇÕES NO CENÁRIO EDUCACIONAL E POLÍTICO DA PARAÍBA (1900-1974)

Márcia Cristiane Ferreira Mendes
marciamendes_1@hotmail.com
Viviane Freitas da Silva
vivianefreitas_83@hotmail.com
Larissa Meira de Vasconcelos
meiravasconcelos@gmail.com
(UFPB)
Emiliane Maria Holanda da Silva (UFRN)
Emiholanda@hotmail.com

Resumo

Este trabalho, vinculado ao grupo de pesquisa História da Educação da Paraíba (HISTEDBR/GT-PB) e ao projeto de pesquisa Educação e educadoras na Paraíba do século XX: práticas, leituras e representações, têm como objetivo desvelar as histórias e memórias de Lylia Guedes (1900-1974), focando suas contribuições no cenário educacional, político e social paraibano. Metodologicamente recorremos aos subsídios da Nova História Cultural e o paradigma indiciário. Lylia Guedes nasceu na cidade de Nova Cruz, estado do Rio Grande do Norte, mas veio ainda bebê com sua família morar na Parahyba do Norte, hoje a atual cidade de João Pessoa-PB, o que proporcionou que sua atuação se desse em grande nesta capital. Realizou exames no Liceu Paraibano no século XIX entre os anos de 1916 e 1917, no que obteve êxito. Em 1918 ingressou na Faculdade de Direito em Recife – PE, iniciando sua caminhada profissional e sua luta pela causa feminina. Assim, quatro anos após, precisamente, em 16 de Dezembro de 1922, colou grau de Bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais. Esta feminista também foi a primeira a fazer parte do Instituto dos Advogados, hoje, ordem dos Advogados do Brasil – OAB, como secretária, mas também exerceu como advogada no Tribunal Popular do Júri desta capital, tendo quatro absolvições. Participou da Associação Pelo Progresso Feminino na Paraíba e na revista Brasil Feminino como correspondente, cuja diretora era a carioca Iveta Ribeiro. As fontes utilizadas na pesquisa foram a do jornal A União de 1933, 1934, 1936 e 1937, pesquisados no Instituto Histórico e Geográfico da Paraíba e na Fundação Espaço Cultural, e as fontes orais de amigos e ex-alunos. No decorrer da pesquisa verificamos que Lylia Guedes teve uma presença marcante, tanto no espaço educacional e social, como também na política paraibana. Era uma líder que levava adiante os anseios das mulheres, através de sua ligação aos movimentos feministas e nas suas publicações. Então, a busca por mais informações sobre Lylia Guedes, nos instiga, enquanto pesquisadores, a querer mais e mais revelar a sua história.
Palavras- chave: Educação. Educadoras. Política. Memórias.

1- Introdução

Este trabalho, vinculado ao projeto Educação e educadoras na Paraíba do século XX: práticas, leituras e representações, do Grupo de Estudos e Pesquisas "História, Sociedade e Educação no Brasil" (HISTEDBR-GT/PB), nasceu das analises feitas nas aulas da disciplina Tópicos em História da Educação: História Oral e Memória: Biografia e Autobiografia, do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal da Paraíba – UFPB.

Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa – 31/07 a 03/08/2012 – Anais Eletrônicos – ISBN 978-85-7745-551-5

Professora Lylia Guedes. **Fonte**:ANNUARIO DA PARAHYBA, 1935, p.23.

O objetivo da disciplina era discutir sobre as contribuições da história oral e memória, analisando criticamente as lacunas da história tradicional, como afirma Burke (1992), a visão tradicional não permitia que as conseqüências do modelo vigente viessem à tona, a exemplo: somente os grandes feitos realizados pelos homens apareciam na história. Então, durante duas décadas, no século XX, os historiadores perceberam o potencial de explorar novas perspectivas do passado a partir de novas fontes.

Como afirma Machado (2006), essa divisão sugere, de um lado, a história tradicional, propondo uma visão macro, concentrando-se na análise dos feitos dos grandes homens, dos grandes heróis, dos grandes estadistas; do outro, a visão micro, deslocando sua atenção para a história dos homens comuns, das mulheres comuns, preocupando-se com as investigações acerca das suas práticas culturais, das suas experiências na construção da mudança social. Assim, a micro-história possibilita a reprodução de fragmentos das lembranças, das imagens, das trajetórias de vidas e lugares diversos na sociedade: a rua, a escola, os grupos de amigos, a igreja, a família. São espaços de amplitude cultural, haja vista que é nas relações cotidianas que se edificam saberes e experiências dos sujeitos excluídos, por isso, apagados pelo tempo e ignorados pela história oficial.

Mediante esse contexto trago neste estudo a educadora, poetisa e advogada Lylia Guedes, cuja trajetória pessoal e profissional é marcada por reivindicações políticas, educacionais e sociais em defesa das mulheres. Segundo Pinto (2003), o gênero feminino passou por muito tempo a ser silenciado pela história, devido à cultura repressora e autoritária do século XIX. Portanto, trazer a história de Lilia Guedes é contribuir para que sua história saia do silêncio histórico e ganhe maior visibilidade, trazendo o sentido de que as mulheres são parte constituinte da história.

O objetivo deste estudo é trazer à baila as historias e memórias da poetisa, advogada e educadora Lylia Guedes, focando suas contribuições no cenário social, político e educacional paraibano nos de 1900 a 1974.

Contudo, o estudo situa-se metodologicamente na Nova História Cultural, mencionando os "novos problemas", "novas abordagens" e "novos objetos", o que quer dizer que com a evolução da história surgem novos olhares, outras abordagens, outros problemas e outros objetos que devem ser considerados e pesquisados.

Nas novas abordagens surge a história e a luta feminina travada por Lylia Guedes, pois muitos foram as contribuições desta educadora, cuja trajetória ficou em silêncio por muito tempo. "Esses relatos situam a origem do campo na década de 1960, quando as ativistas feministas reivindicam uma história que estabelecesse heroínas, prova de atuação das mulheres, e também explicações sobre a opressão e inspiração para a ação". (BURKE, 1992, p.64).

Na busca de tentar trazer a memória de Lylia Guedes, de sua contribuição como educadora, poetisa e política no panorama paraibano, recorremos a documentos impressos encontrados no Jornal A União de 1933, 1934, 1936 e 1937 e fontes orais de amigos e ex-alunos e por se tratar de inicio de pesquisa, ainda há muito a ser pesquisado e entrevistado como os ex-alunos e também os familiares.

2 - A trajetória educacional de Lylia Guedes

Lylia Guedes nasceu na cidade de Nova Cruz, estado do Rio Grande do Norte, no dia 14 de novembro de 1900, sendo que aos três meses de idade veio residir juntamente com sua família na Parahyba do Norte, hoje a atual cidade de João Pessoa – PB.

Foram seus pais Terêncio Guedes e Maria Amália Menezes Guedes. Como condizia com a cultura da época e por existirem poucos grupos escolares no estado paraibano, Lylia Guedes estudou as primeiras letras com seus pais, se preparando posteriormente para enfrentar o secundário no curso da renomada professora Francisca Moura, nesta capital.

Os exames realizados pelo Liceu Paraibano no século XIX eram considerados tal qual uma universidade hoje, século XXI. As vagas eram limitadas e só os que estivessem preparados conseguiam entrar nesta instituição. Muitos pais colocavam seus filhos em cursos preparatórios, a exemplo o de Francisca Moura. Sendo assim, Lylia Guedes submeteu-se a esse exame entre 1916 e 1917, obtendo êxito.

No ano de 1918 ingressou na Faculdade de Direito em Recife – PE, iniciando sua caminhada profissional e sua luta pela causa feminina. Em 16 de Dezembro de 1922, cola grau de Bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais, com a imposição da borla[1]. Lylia Guedes foi a primeira a fazer parte como mulher do Instituto dos Advogados, hoje, ordem dos Advogados do Brasil – OAB, como secretária, mas também exerceu como advogada no Tribunal Popular do Júri desta capital tendo quatro absolvições, como afirma Brito (2007).

Na entrevista concedida em 26/02/2010, sua ex-aluna Waldice Porto nos diz que Lylia Guedes foi à única representante feminina na sua turma de direito, causando admiração e ao mesmo tempo restrição, pois sua iniciativa de se formar em direito era inovador ao costume de uma época que ainda se mantinha no patriarcalismo.

No livro *Mulheres Símbolos* escrito pelo advogado Joacil de Brito, este afirma que a Educadora e Advogada Lylia Guedes, ainda como acadêmica lecionou como auxiliar da cadeira de Português, Geografia e História da Civilização na Escola Normal no ano de 1919 e 1920 e também no Liceu Paraibano, a disciplina de Geografia. O período de inicio de sua ligação a esta última renomada instituição até o presente momento da pesquisa se encontra desconhecido. Com as pesquisas no Jornal a União e diante de um discurso de 1934, percebe-se que neste ano de publicação do jornal, Lilya Guedes ainda lecionava na Escola Normal, ou seja, constata-se que não finaliza sua contribuição em 1920 nesta instituição, como indica a seguir:

> Pelo transcurso do anniversario de sua presidente, a Dra. Lylia Guedes, a Associação Parahybana pelo Progresso Feminino festejou a data promovendo uma expressiva manifestação de sympathia á brilhante intellectual patrícia, ás 19 horas de hontem, na Escola Normal.
> Em nome de suas consocias, usou da palavra a Dra. Albertina Correia Lima, que fez uma bella saudação, terminando por offerecer á anniversariante um artístico ramalhete de flores naturaes e uma linda carteira de pellica azul marinho. A Dra. Lylia Guedes agradeceu sensibilisada aquela carinhosa distincção das suas alumnas e associadas. (A união, 15 de Novembro de 1934, p. 3).

[1] A imposição da borla significa uma cerimônia que confere ao estudante o grau de bacharel em Direito e Ciências Sociais.

Em sua residência localizada na Rua 13 de Maio, no centro da cidade de João Pessoa, também funcionava um reforço escolar e segundo Waldice Porto (ex-aluna), em sua garagem existia uma verdadeira biblioteca. Com seu falecimento em 1974, todo seu acervo bibliográfico foi desfeito pela família. Há indícios que os seus livros foram queimados por não ter onde guardá-los. Perde-se então, um vasto material que contribuiu na construção e na continuação de sua formação como educadora, advogada e como partidarista feminista até sua morte.

3 - Lylia Guedes e os movimentos feministas

Nas visitas aos arquivos públicos da cidade de João Pessoa – PB, o Instituto Histórico Geográfico da Paraíba (IHGP) e a Fundação Espaço Cultural (FUNESC), foram catalogados e digitados documentos do jornal "A União" no período de 1933, 1934, 1936 e 1937, os referidos documentos expõem sua participação na Associação Parahybana pelo Progresso Feminino (A.P.P.F), fundada em 11 de março de 1933, tendo Lylia Guedes como presidente e Olivina Olivia Carneiro da Cunha como Vice-presidente, criada por forte iniciativa da própria Federação Brasileira pelo Progresso Feminino (F.B.P.F), fundada por Bertha Lutz em 1922, como afirma:

> Tenho a honra de communicar-vos que a Associação Parahybana pelo Progresso Feminino, fundada por iniciativa da Federação Brasileira pelo Progresso Feminino e installada nesta capital em 11 de março do corrente anno, acaba de elleger, em assembléia geral, um DIrectorio Central que regerá os destinos terminar em março de 1935, o qual ficou assim organizado:
> **Dra. Lylia Guedes,** presidente: Olivina Carneiro da Cunha, vice-presidente;(...) (Jornal A união, 22 de Junho de 1933, p.3)

A Federação Brasileira pelo Progresso Feminino mantinha uma forte ligação com as Associações Pelo Progresso Feminino em vários estados brasileiros, dentre eles incluía a Paraíba. Essa união propiciava uma comunicação sobre os acontecimentos e avanços que ocorriam em cada região. O objetivo da F.B.P.F era discutir a questão da nacionalização do ensino público, a educação doméstica, o ensino primário, profissional e comercial, a formação para o magistério, o acesso ao ensino secundário e superior, como afirma Bonato (2006).

Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa – 31/07 a 03/08/2012 – Anais Eletrônicos – ISBN 978-85-7745-551-5

A finalidade então da A.P.P.F era reivindicar esses interesses e assegurá-los na nova constituição de 1934. Segundo o artigo escrito por Araújo (2003), "O voto de saias: a Constituinte de 1934 e a participação das mulheres na política", o Decreto nº 21.076, de 24 de fevereiro de 1932, regulamentava o alistamento e o processo eleitoral no país, nos âmbitos federal, estadual e municipal, trazendo uma série de inovações, dentre as quais se destacava o estabelecimento do sufrágio universal e secreto. Mais ainda, o novo código ampliava o corpo político da nação, concedendo o direito de voto a todos os brasileiros maiores de vinte e um anos, alfabetizados e sem distinção de sexo. As mulheres brasileiras adquiriam assim, pela primeira vez e após árdua luta, cidadania política, contribuindo para o aumento significativo do número de votantes no país.

Lylia Guedes não só representava a Federação Brasileira pelo Progresso Feminino, a Associação Paraibana pelo Progresso Feminino como também a União Universitária Feminina dentro do estado paraibano.

> A's 20 horas da mesma noite a Associação Paraibana pelo Progresso Feminino recepcionará em sessão solene os academicos da Embaixada Universitaria carioca, portadores de uma mensagem da Dra. Carmen Portinho Lutz, presidente da "União Universitaria Feminina" e distinguido membro da Federação Brasileira pelo Progresso Feminino á Dra Lilia Guedes representante da U. U. F. neste Estado e á Associação Paraibana pelo Progresso Feminino. (Jornal A união, 10 de Julho de 1934, p.1)

Esse movimento, A união Universitária Feminina, foi criado em 13 de Janeiro de 1929, na casa da Engenheira Carmem Portinho[2] no Rio de Janeiro, cujo interesse era incentivar e ajudar as mulheres que se formavam, tendo também a participação de Bertha Lutz. A estratégia do U.U.F era sempre que uma mulher passava na seleção de algumas universidades as integrantes do movimento oferecia o "chá das calouras", convidando-as para a associação.

> Então, resolvemos fundar a União Universitária Feminina, para incentivar e ajudar as mulheres que se formavam. A associação foi fundada em 13 de janeiro de 1929, na minha casa, e de seu início participou também a Berta Lutz. Estavam presentes: Maria Esther Ramalho, Sylvia Vaccani, Natércia

[2] Carmem Portinho foi à terceira mulher a se formar engenheira civil na Escola Politécnica da antiga Universidade do Brasil. Engajou-se em duas frentes de luta: a conquista dos direitos civis e políticos e a do reconhecimento profissional para as mulheres.

Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa – 31/07 a 03/08/2012 – Anais Eletrônicos – ISBN 978-85-7745-551-5

> Silveira, Orminda Bastos, Luiza e Amélia Sapienza, além de outras mulheres que agora não recordo o nome. Nós tínhamos a seguinte estratégia: sempre que uma mulher passava no exame para a universidade — em medicina, direito, engenharia ou qualquer outra área — procurávamos por ela e lhe oferecíamos o "Chá das calouras", aliciando-a para a associação. (Entrevista concedida a Vera Rita da Costa, em 1995)

No ano de 1937, Lylia Guedes publica um artigo na revista *Brasil Feminino,* elogiando sua iniciativa de acentuar os interesses da mulher brasileira e por ela ser a única revista de colaboração exclusivamente feminina.

> Estão de parabéns as intellectuaes conterrâneas e todas as senhoras que cultivam as boas leituras, com a volta regular á arena jornalística, de "Brasil Feminino", a revista que mais fala aos interesses da mulher brasileira por ser a única de collaboração exclusivamente feminina. (Jornal A União, 31 de Outubro de 1934, p. 8).

As mulheres por muito tempo foram impedidas de se expressarem publicamente, devido ao conservadorismo do século XIX. A observação de Lylia Guedes arrazoa uma realidade passada, onde os homens escreviam, publicavam artigos, eram diretores e mantenedores de revistas femininas, sendo que a partir do século XX, algumas mulheres de destaque na sociedade como Olivina Olivia Carneiro da Cunha, Eudésia Vieira, Analice Caldas e outras começavam a publicar poemas, artigos em revistas de cunho femininas e em jornais da época.

A revista *Brasil Feminino* acentua o começo dessa mudança, pois encontrou apoio dos assinantes, na maior parte feminina, e das colaboradoras intelectuais que contribuíram para um novo ideal de evolução social. A revista também propiciou um intercâmbio com os países estrangeiros, principalmente a Europa, que foi uma forte influenciadora dos movimentos feministas no Brasil, ou melhor dizer, do mundo. "O movimento sufragista se espalhou pela Europa e pelos Estados Unidos, construindo a primeira vaga de feminismo organizado no mundo" (PINTO, 2003, p. 13).

A sutileza feminina para alcançar seus direitos políticos, segundo Pinto (2003), denota um período demarcado pela história como o período do feminismo comportado. Este foi o primeiro movimento feminino organizado no país na década de 1920, tendo como líder Bertha Lutz, cujo

movimento ganhou proporção nacional. Aqui na Parahyba liderado por Lylia Guedes, Olivina Olivia Carneiro da Cunha, Catharina Moura Amstein, Alice de Azevedo Monteiro, Analice Caldas, Albertina C. Cunha e outras. A luta pela inclusão feminina definida nessa vertente não colocava como embasamento que tal situação em que as mulheres se encontravam decorria pela posição de poder dos homens. Assim, travaram uma batalha pacifica para que as mulheres fossem incluídas como cidadãs.

> Para o meu temperamento obstinadamente pacifista, é motivo de maior prazer essa harmonia de vistas demonstrada pela bancada parahybana em nosso favor porque sempre achei que a victoria perfeita é a que não se macula com vírus do odio. E' a victoria da intelligencia, da arte, da sciencia, da concordia e do bem, porque não considero victoria a que deriva da guerra e que não se amalgama com o sangue do vencido e se apóia no tropheu tomado no inimigo, porque tal victoria não se urdiu na sublimidade do perdão, o symbolo da redempção, porque oda a victoria não se teceu em malhas de nobreza - o maior privillegio das almas grandes, que sabem perdoar, que sabem vencer exclusivamente pela bondade. (Jornal A união, 2 de Dezembro de 1934, p.9)

Os artigos escritos por Lylia Guedes traduzem a sutileza incansável de como as mulheres buscavam os seus direitos nas esferas políticas, sociais e educacionais. E nos seus discursos sempre buscavam o bem-estar integral dos seres humano e nesta procura não cabia a repressão às mulheres. Assim, a maior ciência descrita por ela é o SABER VIVER, assim:

> Enquanto todas as ciencias merecem especial atenção, nos centros cultos do globo, a física, a botânica, a geologia, as ciencias medicas, as jurídicas, a politica, nenhum sabio se lembrou ainda de estabelecer preceitos para a ciencia mais útil: ---SABER VIVER. (Jornal A união, 12 de Dezembro de 1933, p.10)

Conhecer a história de Lylia Guedes nos permitiu visualizar uma parcela da luta feminina pela conquista de seus direitos educacionais, sociais e políticos e as influências que recebeu de outras feministas vindas de vários estados brasileiros, sendo a mais forte delas Bertha Lutz.

> Essas patrícias denodadas tendo á frente à figura de lutadora incansável que é Bertha Lutz têm feito verdadeiras conversões nas hostes contrarias, pela perseverança, pelo interesse constante, pela repetida acção de

> combate pacifico na defeza incondicional dos nossos direitos. (Jornal A União, 23 de Setembro de 1934, p.9)

4 – Lylia Guedes: o legado de uma escritora

No estado da Paraíba Lylia Guedes se tornou uma das maiores educadoras e idealistas da causa feminina. Mesmo com as dificuldades em ter acesso ao ensino primário e superior, desafiou o preconceito de uma época considerada conservadora, formando-se em direito e lecionando nas melhores instituições escolares da Paraíba. Essa conquista se deu pela imposição das mulheres ao reivindicar o que lhes era de direito.

Ao voltarmos rapidamente na história da Educação Brasileira deparamos com algumas situações: de inicio uma educação destinada somente aos homens e, por conseguinte, a exigência do século XIX, obrigando a remodelação do sistema educacional para atender o direito das mulheres a educação. Pode-se dizer que a abertura para o acesso das mulheres ao ensino não garantiu a qualidade dela e muito menos os mesmos conteúdos que eram oferecidos aos homens. Como afirma Louro (1997), a escola foi obrigada a se transformar para atender as exigências da época, mas não alterou sua característica de ser um espaço diferenciador, no entanto, existiam critérios relevantes e pertinentes para cada grupo.

As leituras eram selecionadas no intuito de tentar evitar que as mulheres tivessem influências de outros movimentos estrangeiros e também impedir que se rebelassem contra a ordem estatal e moral da sociedade. As leituras apropriadas seriam os romances de José de Alencar, Machado de Assis, Manuel Antônio de Almeida, etc. Mesmo assim, todas as artimanhas não foram suficientes para controlar por muito tempo as mulheres, pois muitas delas faziam parte da camada elitizada brasileira e ao estudarem no exterior, por terem contato com as fortes influências Européias, traziam idéias para o Brasil.

> Bertha Maria Júlia Lutz de atuação e presença marcante como presidente daquela entidade, realizou ações "impensáveis" para as mulheres do seu tempo, como por exemplo estudar em Paris, formando-se em biologia na Sorbonne. Influenciada pelas lutas das mulheres européias e americanas iniciou uma luta pelo sufrágio feminino entre nós, sendo esta a principal bandeira da Federação. Considerada

Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa – 31/07 a 03/08/2012 – Anais Eletrônicos – ISBN 978-85-7745-551-5

> pioneira das lutas feministas brasileira, sem dúvida que Bertha Lutz, a mais ilustre representante da Federação desafiou o seu tempo, porém respaldada de certa forma pela sua condição de elite intelectual e econômica, assim como suas companheiras da diretoria da Federação; transitava com certa liberdade pela elite política da cidade e do país, tendo isso ressonância no discurso construído sobre a educação das mulheres. (BONATO, 1995, p.2)

Essa abertura contribuiu para que as mulheres pudessem publicar poemas e artigos em jornais e revistas, a exemplo das publicações de Lylia Guedes, cujo espaço foi utilizado taticamente para fortalecer os movimentos e difundir seus ideais feministas.

Segundo Machado (2008), as mulheres utilizavam o espaço cedido pelo jornal ou revistas para escrever poemas como uma forma de expor seus pensamentos. Esses poemas traduziam harmoniosamente os ideais para uma nação como também seu posicionamento diante da condição da mulher na sociedade.

Lylia Guedes, além das publicações com seus discursos enfatizando os interesses das mulheres, também divulgou em revistas informações sobre as belezas naturais do Brasil, pois sendo professora da disciplina de Geografia na Escola Normal e no Liceu Paraibano tinha um amplo conhecimento sobre o assunto.

Na Revista do IHGP, com o título do artigo Riquezas e Curiosidades do Brasil, Lylia Guedes expressa uma preocupação quanto ao desconhecimento por parte dos brasileiros de suas riquezas naturais.

> Todas as grandes maravilhas naturais do Brasil são quase inteiramente desconhecidas dos brasileiros e é sempre um investigador estrangeiro quem descobre os nossos thesouros e nos fornece elementos de estudo colhido em longas pesquisas cientifica!". (Revista IHGP, 1970, p. 5).

Estes são alguns recortes deste artigo selecionados na revista do IHGP:

"[...] famosíssima cachoeira da Santa Maria de Iguaçu – a maior do mundo em volume de águas – descobertas relativamente recente, feita por excursionistas estrangeiros..." (Revista IHGP, nº 17, 1970, p.5)

"[...] gruta Maria de Molina, que fica na serra dos Pocachás Novos, no Mato Grosso, decoberta pelo general Cândido Rondon, em agosto de 1917 (felizmente, desta vez, trata-se de um explorador brasileiro) é outra maravilha natural do Brasil". (Revista IHGP, nº 17, 1970, p.6)

Na revista "Trimagazine" publicou dois romances chamados: Flor de Liz e Filho Natural. Esses romances foram destacados no chamado Logradouro da Grande João Pessoa: personagens e fatos.

Além desses romances outros foram escritos no Jornal a União, a exemplo: A Filosofia de um bordado. Esse romance trouxe algumas realidades sobre a condição da mulher no século XIX. Primeiro sobre a ausência do marido no lar. Segundo, o fato das esposas não saberem o quanto que seus maridos ganhavam em seus ordenados e por fim, a falta dessa informação, em casos de falecimento, trazia conseqüências drásticas à mulher, visto que não tinham acesso ao mercado de trabalho, como destaca abaixo:

> A principio supôz que se tratasse de simples momentos de mau humor; mas estes foram multiplicando e ela apreensiva e cautelosa foi tentando descobrir a origem de tão lastimável mudança e não sem profundo dissabor veiu a saber que tinha um inimigo de frente ameaçando sua felicidade – o jogo! [...]Acostumava ver sua mãe dispor livremente do dinheiro de seu pai, nunca se conformava com a reserva que o marido mantinha quanto ao que ganhava. Nunca lhe havia dito qual era o seu ordenado; Ela também sustentava o capricho de não lhe perguntar! [...] Por esse tempo todas as propriedades que o dr. Gistal herdára de seu pai já se tinham reduzido a dinheiro e este se tinha esvaído no pano verde das boneas de Jogo e quem sabe mais em que?". (Jornal A união, 11 de Junho de 1939, p. 1)

Os escritos literários de Lylia Guedes contribuíram de certa forma a uma reflexão quanto à conjuntura política, econômica e social de uma época cuja mulher estava inserida, exigindo assim, mediante esse contexto o direito de poder exercer sua cidadania.

Considerações finais

Lylia Guedes no ano de 1974 faleceu com 74 anos de idade, deixando um forte reconhecimento em seus ex-alunos, ex-membros das associações e amigos de seu empenho a causa feminina.

No decorrer da pesquisa verificamos que Lylia Guedes teve uma presença marcante tanto no espaço educacional, social, como também na política paraibana. Era uma líder que levava adiante os anseios das mulheres, através de sua ligação aos movimentos feministas e nas suas publicações.

Então, não podemos pensar em um fim de sua batalha, mas uma continuação daquilo que perpetuou. Todo o seu legado está marcado nos jornais e revistas que publicou, nas lembranças daqueles que conviveram com ela e nas biografias escritas reconhecendo o seu papel na sociedade.

REFERÊNCIAS

ARAUJO, Cássia Barbosa de Araújo. **O voto de saias:** a Constituinte de 1934 e a participação das mulheres na política. Institutos de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo. São Paulo, vol 17, Set/Dez, 2003.

BONATO, Nailda Marinho da Costa. **A Educação das Mulheres no Pensamento da Federação Brasileira Pelo Progresso Feminino** (1922-1931). VI congresso Luso- Brasileiro de História da Educação, Uberlândia, 2006.

DUARTE, Samuel (org). Annuario da Parahyba. João Pessoa: Anno II, 1935, p.23.
BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade**: Lembranças de velhos. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BURKE, Peter. **A Escrita da História**: novas perspectivas. São Paulo: UNESP, 1992.

GUEDES, Lylia. **Riquezas e Curiosidades do Brasil.** Instituto Histórico e Geográfico Paraibano. João Pessoa: Imprensa Universitária da Paraíba, n. 17, 1970, p.5.

_____. **Associação Parahybana pelo Progresso Feminino**. A união, João Pessoa, 15 de novembro de 1934, anno XLII, n. 255, p.3.

_____. **Associações.** A união, João Pessoa, 22 de Junho de 1933, Anno XLI, n. 140, p. 3

_____. **Associação Parahybana Pelo Progresso Feminino**. A União, João Pessoa, 2 de Dezembro, Anno XLII, n. 269, p.8.

_____. **Brasil Feminino**. A União, João Pessoa, 31 de Outubro de 1934, anno XLII, n. 244, p.8.

_____. **Associação Paraibana pelo Progresso Feminino**: Sessão literária e recepção aos universitarios cariocas. A União, João Pessoa, 10 de Julho de 1934, anno XLII, p.1.

GUEDES, Lylia. **A Filosofia de um Bordado.** A União, João Pessoa, 11 de Junho de 1939, p. 1.

_____. **Pagina Feminina**: Vida Triunfante. A União, João Pessoa, 12 de Dezembro de 1933, n. 276, p.10.

_____. **A Mulher no Parlamento Nacional.** A União, João Pessoa, 23 de Setembro de 1934, Anno XLII, n. 212, p.9.

MACHADO, Charliton José dos Santos. **Mulher e Educação**: histórias, práticas e representações. João Pessoa: UFPB, 2006.

_____. **Educação e educadoras na Paraíba do século XX:** práticas, leituras e representações (Projeto de pesquisa PIBIC/ CNPq/ UFPB) João Pessoa, 2008. (Mimeografado).

PEREIRA, Joacil de Brito. **Mulheres Símbolos**. João Pessoa: Editora Universitária, 2007.

PINTO, Céli Regina Jardim. **Uma história do feminismo no Brasil**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2003.

Entrevistas:

PORTINHO, Carmem. Entrevista concedida a Vera Rita da Costa publicada em 1995.
PORTO, Waldice. Ex-aluna de Lylia Guedes. Entrevista concedida em 26/02/2010